



Imagem e ilegibilidade da forma urbana de Campinas

Image and illegibility of urban form of Campinas

Luiz Tiago de Paula*
Eduardo Marandola Jr.**

Resumo

Um dos traços das grandes cidades brasileiras é o espraiamento do tecido urbano, a gerar paisagens fragmentadas. A amplitude deste fenômeno é um dos fatores à produção de imagens frágeis e desarticuladas da cidade. Investigando Campinas-SP, o presente artigo objetiva detalhar elementos da forma urbana e analisar problemas de ilegibilidade da paisagem. Pretende-se balancear e refletir sobre qual o papel da forma urbana e como os processos e experiências coletivas podem proteger e difundir a importância da imagem da cidade à vida urbana.

Palavras-chave: forma urbana, imagem da cidade, experiência e percepção urbana.

Abstract

One of large Brazilian cities hallmarks is the urban sprawl, which generates fragmented landscapes. The extension of this phenomenon is one of the factors of production fragile and disjointed images of the city. Investigating Campinas-SP, this article aims to detail elements of urban form and analyze problems of illegibility landscape. It is intended to balance and reflect the role of urban form and how processes and collective experiences can protect and spread the importance of the image of the city to urban life.

Keywords: urban form, image of the city, urban experience and perception.

* Bacharel em Geografia pelo Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Atualmente tem desenvolvido pesquisas relacionadas à Paisagem, Cartografia e Experiência Urbana. Endereço eletrônico: tiagologia@gmail.com ou luiz.paula@ige.unicamp.br

** Geógrafo, Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. eduardo.marandola@fca.unicamp.br. Endereço postal: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, R. Pedro Zacaria, 1300, CEP: 13484-350, Limeira, São Paulo.

A experiência da forma urbana e a vida na cidade

É quase tudo igual... para mim, é como se fosse sempre a mesma coisa. Quer dizer, quando subo e desço as ruas, é como se não percebesse diferença nenhuma – as Avenidas Newark, Jackson e Bergen. Bem, o que estou querendo dizer é que às vezes fica impossível decidir por qual avenida seguir, porque são todas mais ou menos iguais; não existe nada que as diferencie. (LYNCH, 2003, p.35)

Estamos conscientes sobre os efeitos que a forma da cidade tem sobre nós quando andamos por ela? Questões como esta nem a história e tampouco a teoria do planejamento nos deram respostas definitivas (BANERJEE, T.; SOUTHWORTH, 1991; LYNCH, 2007). Por isso é preciso retornar às perguntas originárias: Que é cidade? Quais as maneiras dela ser apreendida? Quais as possibilidades dela ser evocada? Estas perguntas-primeiras são essenciais para pensar a multidimensionalidade da cidade enquanto fenômeno. A possibilidade de categorizar sua existência para aqueles que a habitam nos levariam a prescrever, a princípio, três cidades interconectadas: uma material, uma vivida e outra evocada-imaginada. Todas elas interferindo diretamente na experiência urbana.

A cidade material é a combinação de todos os atributos concretos do sítio urbano, desde os tipos de construções, edificações e instalações até as características mais primárias de seus aspectos naturais, como relevo, vegetação, hidrografia etc (MALARD, 2006). A cidade evocada-imaginada é aquela que fala, da confabulação social, do imaginário urbano, projetada nos sonhos e na memória, cujas verdades e mentiras são estratégias da narração de uma pura comunicação social (SILVA, 2001). A cidade vivida é a combinação dessas duas cidades, material e simbólica, onde tanto a comunicação social quanto a presença concreta de seus objetos e ações configuram paisagens e influenciam as escolhas e condutas individuais.

Na perspectiva das relações cotidianas, a separação dessas dimensões é impossível, pois se trata da própria existência fenomênica de como a cidade se revela a si mesma. A experiência urbana é intermediada por várias esferas do nosso modo de vida, desde nossos trajetos e deslocamentos diários até as formas mais efêmeras de nos relacionarmos com as pessoas e os lugares.

O presente artigo objetiva reolhar a paisagem da cidade moderna. Muitas vezes, ela é alvo de crítica por resguardar uma suposta monotonia estética e padronizada, o que a torna comum a vários centros urbanos. Ao mesmo tempo, apesar de sua predominância no cotidiano de muitos cidadãos do mundo, essa paisagem ainda encarece de estudos acadêmicos que reenfronte o desafio de compreender a tríade entre **forma**, **paisagem** e **imagem** da cidade (LYNCH, 2007; RELPH, 1986). A construção da morfologia da paisagem é a expressão material da vida na urbe, correspondendo em diferentes graus os anseios e desejos de sua população. Nem todos os grupos sociais são representados, no entanto, ainda assim torna-se importante mirar esses três elementos e buscar suas confluências e divergências.

Descrever e detalhar a forma urbana torna-se, portanto, uma tentativa de analisar e criar interpretações de como a paisagem da cidade produziu e produz discursos simbólicos sobre si mesma. As primeiras investigações deste cunho foram feitas por Kevin Lynch no final dos anos 1950, quando ele propôs a imagem da cidade como um atributo que possui **estrutura** (organização espacial), **identidade** (particularidade ou aquilo que a difere) e **significado** (um sentido que é dado para). Essa metodologia tem sido aplicada para auxiliar planejamentos urbanos em vários países ao longo dos últimos 60 anos, desde a publicação do original *The image of the city* (LYNCH, 2003). O propósito das questões levantadas por ele foi estabelecer passos metodológicos de investigação da percepção do espaço urbano pelos cidadãos que o vivem, motivo pelo qual foi continuamente sendo popular entre arquitetos, urbanistas e geógrafos (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996).

Tais procedimentos foram incorporados a teorias subjacentes que apoiaram e deram maior credibilidade às preocupações sobre a imagem da cidade (SOUZA, 1996). A paisagem passou a ser, então, compreendida amplamente em seus sentidos estéticos e funcionais, reafirmando a importância da forma urbana como um entre vários elementos que travam relação com a qualidade de vida nas cidades.

No contexto das cidades contemporâneas, especialmente no caso brasileiro, a dispersão do tecido urbano tem produzido paisagens fragmentadas e desconexas, tendo como resultado morfologias confusas que dificultam aos seus cidadãos estabelecer relações geográficas entre diferentes partes do ambiente urbano. É neste âmbito que a proposta lynchiana pode nos ajudar com os conceitos de **imaginabilidade** e **legibilidade**. A primeira se refere à qualidade e capacidade de determinada paisagem, através de suas características de forma, cor, densidade e disposição, criar possibilidades

de evocar uma imagem forte num dado observador; enquanto a segunda diz respeito à coerência da paisagem, podendo se valer de qualidades (referências espaciais) que facilitem a compreensão da mesma (BANERJEE; SOUTHWORTH, 1991; LYNCH, 2003).

Partimos de uma prerrogativa lynchiana, assumindo que uma forma urbana legível torna os trajetos e a localização dos lugares da cidade suficientemente claros, criando segurança e conforto para seus habitantes. A ilegibilidade de seu desenho não apenas dificulta a percepção de seus marcos e limites, como dificulta a construção intersubjetiva da imagem da cidade e a criação de identidades. Cidades sem fisionomia e sem identidade é uma das preocupações que os centros urbanos devem enfrentar nas próximas décadas devido ao próprio modelo de produção do espaço urbano (CORRÊA, 2011).

Nosso laboratório de investigação, no presente artigo, é Campinas, interior do Estado de São Paulo. Esta cidade é sede de uma região metropolitana composta por 19 municípios e tem cerca de um milhão de habitantes e mais de dois séculos de história. Sua paisagem apresenta resquícios da cidade cafeeira do início século XX, das vilas industriais pós-1970 e das marcas dos processos de verticalização, assim como da abertura de grandes vias de acesso de uma densa rede metropolitana. A construção e reconstrução da paisagem e a materialização desigual desses diversos períodos históricos revela mosaicos desordenados que combinados com a própria característica natural do sítio urbano, torna Campinas uma cidade repleta de ilegibilidades.

As análises levantadas sobre a forma urbana dessa cidade derivam de alguns anos de pesquisa (DE PAULA, 2011; 2012; MARANDOLA JR.; 2011a; 2011b) e do Projeto “Paisagem e Imagem da Cidade: a Forma e Experiência Urbana de Campinas” (MARANDOLA JR. et al, 2012), o qual foi desenvolvido junto ao Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Unicamp em parceria com a SEPLAN (Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano de Campinas) e, desde 2012, têm tido continuidade no Centro de Estudos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS) da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (FCA).

Legibilidades e ilegibilidades da forma urbana

A ilegibilidade da forma urbana de Campinas é possível de ser identificada tanto na experiência compartilhada de migrantes e visitantes que têm dificuldades de se localizar ou se orientar na cidade quanto em moradores que se sentem embaraçados ao

mencionar um aspecto preponderante de sua paisagem. Muitos são os fatores sociais e culturais dinâmicos que podem interferir nessa leitura da cidade. No entanto, primeiramente, apontaremos aqui alguns aspectos físicos da configuração descritiva de seu território e depois o papel da forma e visibilidade dos espaços públicos do Centro de Campinas para construção da imagem da cidade.

O primeiro aspecto que causa obstáculos para legibilidade da forma de Campinas é a ausência de vistas panorâmicas. As visões gerais de qualquer cidade são fundamentais, pois permitem que as pessoas tenham a ideia de conjunto e as conexões e diversas relações geográficas entre suas partes (MARANDOLA JR., 2011).

A maior parte da malha urbana campineira (em especial a área central) está localizada sobre a borda da Depressão Periférica – agrupamento geomorfológico que pode ser caracterizado por terrenos erodidos e vertentes com leves aclives e declives, o que gera um relevo de planícies e dificulta as tomadas horizontais do terreno da cidade. Uma pequena parcela da população, residentes da região do Distrito Municipal de Sousas e Joaquim Egídeo, 10 km a leste do Centro, têm a possibilidade de se deparar com algumas cenas panorâmicas. Essa região se situa sobre o sopé do Planalto Meridional do Estado de São Paulo, unidade geomorfológica que tem embasamento basáltico-granítico e é formada por vertentes íngremes e vales encaixados, estando em termos de altimetria sobre um desnível topográfico mais alto em relação ao restante da cidade.

A área central, além de ser uma das regiões mais baixas de Campinas, é onde se concentram os fragmentos da cidade histórica e onde o processo de verticalização deixou suas marcas mais evidentes. Instalado sobre as várzeas do córrego Proença e seus afluentes, o maciço de prédios com variáveis alturas se dispõe sobre os vales mais baixos da região. Esta configuração impõe obstáculos ao observador que queira estabelecer as direções cardiais da cidade, tornando as vias uma das únicas referências para sua orientação.

O intenso processo de verticalização, comum a muitas cidades do mundo, tornou-se um importante elemento de ilegibilidade em especial para imagem dessa cidade, uma vez que combinado com a extensão de suaves colinas, muitos prédios esconderam a paisagem de Campinas a partir da perspectiva oblíqua. Fotos da cidade até a década de 1950 sugerem outra relação com a imagem da cidade, quando as vertentes eram propícias à tomada de visão de marcos dispostos em diferentes pontos estratégicos, como o mirante Torre do Castelo e a antiga Estação Ferroviária (Fepasa).

A grande densidade de edifícios é uma imagem comum a muitos centros de cidades brasileiras. Tal imagem é reforçada quando essa concentração está em um ponto mais alto da cidade. No caso de Campinas, a tomada panorâmica do centro é possibilitada a partir de alguns bairros a oeste, como o Jardim Chapadão onde se encontra a Torre do Castelo e a sudeste, como Jardim São Fernando, Jardim Carlos Lourenço, Swift etc. De outros locais da cidade, como das rodovias Dom Pedro I e Anhanguera que circundam grande parte da malha urbana, a visão do conjunto de prédios é dificultada pelas sequências de interflúvios que se escalonam até chegar ao nível mais baixo do relevo.

Campinas tem uma série de problemas quanto a visibilidade de seus marcos, o que gera empecilhos para a própria construção imagética deles nas memórias de seus cidadãos. Esta pouca visibilidade tem a ver com elementos naturais de seu relevo, como descrevemos acima, e com o caráter mutante da paisagem e principalmente com a fragmentação de um tecido urbano disperso.

Nos termos de Lynch (2003), Campinas apresenta problemas com sua **mutabilidade da imagem**. Objetos da paisagem vistos a grandes e pequenas distâncias parecem não ter o mesmo poder simbólico capaz de orientar espacialmente um mesmo observador. Para ambientes grandes e complexos como a cidade de Campinas, torna-se necessário a ligação entre as diversas disposições dos níveis escalares, mantendo-se uma relação recíproca entre as escalas locais e as escalas regionais. Quando os elementos da paisagem são observados a grandes distâncias e não revelam sua posição ou sua base local, sua capacidade de se tornar um marco é enfraquecida e sua imagem perde sua capacidade mutável (Figura 1). Isso por que o **marco** é um ponto na paisagem (prédio, torre, monumentos) cuja principal característica física é a singularidade, ou seja, algum aspecto que seja único ou memorável. Sua forma identificável e legível permite a orientação visual do observador que se encontra próximo ou distante a ele (LYNCH, 2003).

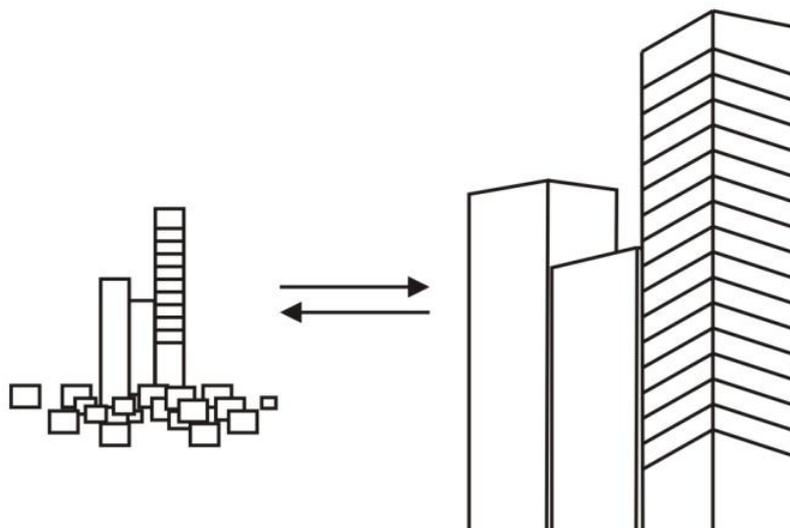


Figura 1: Mutabilidade da imagem, adaptado de Lynch (2003)
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

Uma das estratégias para identificar se Campinas possuía a qualidade de mutabilidade de sua imagem, utilizamos uma tática para abordar os entrevistados da pesquisa. Esta tática teria papel de introduzi-los ao tema “imagem da cidade” e, ao mesmo tempo, instigar suas curiosidades. Entregávamos um cartão com uma fotografia panorâmica do centro da cidade, tirada da Torre do Castelo, de onde é possível ver todas as direções de Campinas (Norte/Noroeste, Noroeste/Oeste, Oeste/sudoeste e Sudoeste/sul) e perguntávamos: “Você sabe de onde é esta fotografia? E de onde ela foi tirada?” (Figura 2). A maioria dos entrevistados, ao notar a densidade de construções verticalizadas, dedutivamente, respondia que se tratava do Centro de Campinas. Entretanto, todos (sem exceção) tiveram dificuldade para localizar de qual região da cidade foi fotografada a paisagem. Mesmo que alguns tenham respondido Torre do Castelo, não esperávamos uma resposta precisa do local, mas alguma que indicasse o sentido e orientação da cidade que se estava vendo. Em outras palavras, a maior parte das pessoas não sabia qual face do Centro estava a mostra na fotografia. Mesmo com os morros do Planalto Meridional ao fundo e a orientação dos prédios, muitos nem ao menos desconfiaram se tratar de uma vista feita a partir do Bairro Jardim Chapadão, onde se localiza a Torre do Castelo



Figura 2: Foto tirada a partir do mirante da Torre do Castelo
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

A paisagem do Centro é identificável, no entanto, o conjunto de atributos de sua forma não permite uma leitura legível quanto a sua orientação. Quem está fora do Centro encontra a elevação de edifícios irregulares apontando para todas as direções, mas tem dificuldade de indicar em quais vias eles se encontram.

Para o observador que está dentro do Centro, o traçado das vias tem um papel importante, pois elas acompanham a direção das vertentes, permitindo que o elemento topográfico sirva de referência. Algumas das principais avenidas – Orosimbo Maia, Senador Saraiva, Moraes Sales e Anchieta – se fecham em um losango, entre os divisores d’água e os fundos de vale, estruturando a direção de todas as ruas que ligam os trajetos de um ponto ao outro do Centro (Figura 3).

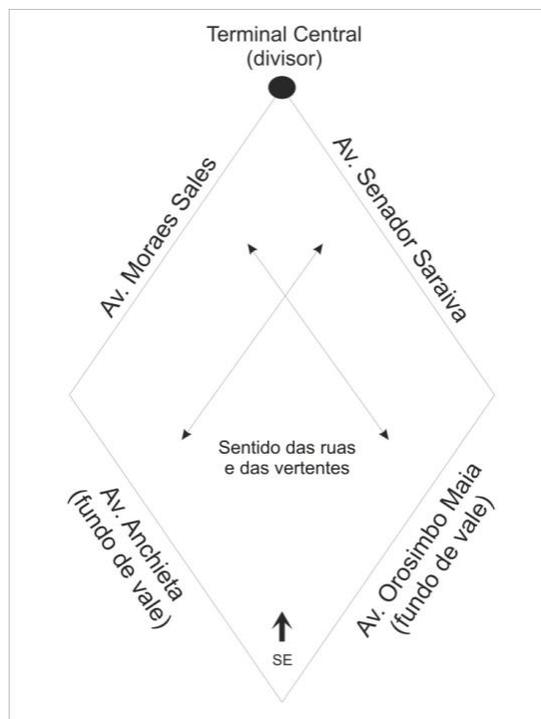


Figura 3: Esquema de orientação do Centro de Campinas
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

As vias do Centro são heterogêneas em suas formas e funções. Quanto às suas morfologias, podemos distingui-las em dois arquétipos principais. O primeiro são os antigos arruamentos do século XIX: seus traçados reticulares são irregulares, a largura das ruas estreitas e os terrenos são totalmente ocupados pelas construções de edifícios. Suas calçadas são restritas e a proximidade entre as duas margens das vias, combinadas com as construções verticalizadas dão a sensação de “desfiladeiros” (Figura 4). Essas ruas são vias secundárias quanto ao papel do trânsito de veículos, e para os pedestres possuem dois pontos a se ressaltar, um negativo e outro positivo em relação à legibilidade de sua paisagem. Apesar de possuírem clareza direcional, reforçadas pela orientação das vertentes, elas são muito longas, fazendo com que sua paisagem mude ao longo das quadras, o que enfraquece seu poder de permanência, continuidade e identidade. Além disso, suas curvas dificultam ver claramente onde elas começam e onde terminam.



Figura 4: Desenho da Rua Doutor Quirino
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

A outra tipologia de vias são as grandes avenidas. Estas possuem características singulares, pois além de serem as principais vias de circulação para os automóveis, também concentram um maior número de pedestres. As avenidas têm seus desenhos mais modernos e entrecortam o tecido urbano orgânico caracterizado pelos reticulados irregulares das quadras mais antigas. Possuem mais de três faixas, suas calçadas são

mais largas e as fachadas dos prédios possuem recuos, a exemplo das avenidas Anchieta, Orosimbo Maia, Senador Saraiva, Moraes Sales e Francisco Glicério (Figura 5). Suas morfologias se contrastam diante das ruas menores como amplos espaços abertos. Essa alternância dimensional confere a essas vias, em alguns casos, o papel de limites entre centro e bairro.



Figura 5: Desenho da Avenida Francisco Glicério
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

Os marcos são tão importantes quanto as vias para estruturar a imagem dos espaços públicos do Centro de Campinas. Damos destaque para quatro marcos, os quais apareceram com maior frequência nas entrevistas com os cidadãos: o Edifício Mirante, o Edifício Centro Empresarial Conceição, o prédio da antiga Estação Ferroviária e a Torre do Castelo.

O Edifício Mirante é um prédio com 30 andares, localizado na Avenida Moraes Sales, ao lado do Viaduto Cury, no trecho onde a avenida ascende a vertente para se conectar ao elevador. Essa posição topográfica faz dele um dos edifícios mais altos de Campinas. Enquanto marco na paisagem, sua imagem é potencializada pelo painel eletrônico que fica em seu topo, comumente chamado entre os campineiros de “Relógio do Itaú” (Figura 6). O painel se divide em três subpartes voltadas, respectivamente, para norte, leste e oeste, que acendem ao pôr-do-sol e marcam a *skyline* durante toda a noite. O fundo azul, as letras da marca Itaú em laranja e os números brancos a marcar a hora e a temperatura alternadamente deixam o painel luminoso ainda mais chamativo.



Figura 6: Desenho do Edifício Mirante
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

O Edifício Centro Empresarial Conceição, localizado na Avenida Conceição, possui 28 andares e chama atenção pelas suas dimensões (altura e largura) e pelo desenho de suas fachadas mais altas, dispostas em tons de cinza e branco. A edificação tem estrutura em formato retangular, orientada no sentido leste-oeste, com uma ampla fachada branca pontilhada de janelas de vidro escuro e espelhado. Em seu topo, encontra-se um semicírculo, cujas extremidades laterais são ocupadas por duas torres cor de grafite. Esse mesmo padrão de fachada se repete no lado oposto do prédio, permitindo seu reconhecimento tanto visto do norte quanto do sul. Por ter o recuo de sua edificação de base muito extenso, a vista do prédio a partir da calçada se torna difícil, o que faz com que a sua visibilidade se acentue conforme se aumenta a distância dele (Figura 7).



Figura 7: Desenho Edifício Empresarial Conceição
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

A Estação Ferroviária é um prédio que fora construída sob os moldes arquitetônicos britânico do século XVIII. Feito com pequenos tijolos alaranjados e acabamentos em cor de branco, tem sua fachada desenhada em um estilo clássico e singular que o diferencia do restante dos edifícios do Centro. A torre que suspende um belo relógio de ponteiro tem em seu topo uma delgada pirâmide que se afunila suavemente de sua base até extremidade. O relógio é replicado sobre as quatro faces da torre e acende ao cair da noite, o que aumenta seu destaque ao observador menos atento. A estação é tida como limite territorial do Centro, uma vez que nela se encontra também a linha férrea que torna intransponível a passagem de pessoas e veículos do Centro (Figura 8).

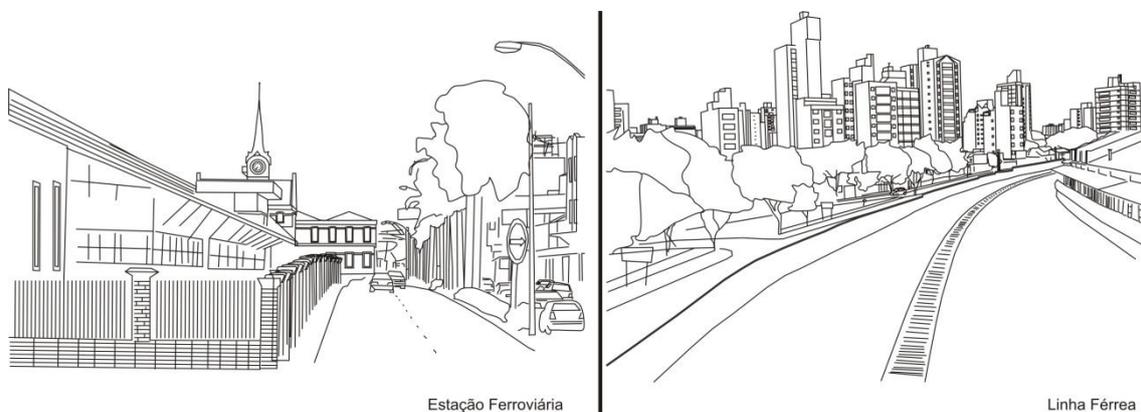


Figura 8: Desenho da Estação Ferroviária e a linha do trem
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

A Torre do Castelo (Figura 9), apesar de não estar no Centro de Campinas, localiza-se próximo a ele e tem função bivalente para estruturação da imagem da cidade – ela é um marco e, ao mesmo tempo, um ponto nodal. Da Praça 23 de Outubro de formato circular, ergue-se, em seu centro, uma torre também circular de 27 metros de altura, sustentada por colunas tangenciais que são interligadas por um anel superior. Longas janelas de vidro longitudinais ocupam todos os lados do prédio, exceto em seu topo, onde há largas janelas abertas que servem de observatório para aqueles que querem ter vistas panorâmicas de todos os lados da cidade. Enquanto ponto nodal, a Torre do Castelo constitui em seu cerco uma rotatória que concentra vias de diferentes direções das regiões da cidade, entre elas as Avenidas Andrades Neves (centro), Dr. Alberto Nascimento (sudeste) e Francisco José de Camargo Andrade (noroeste).

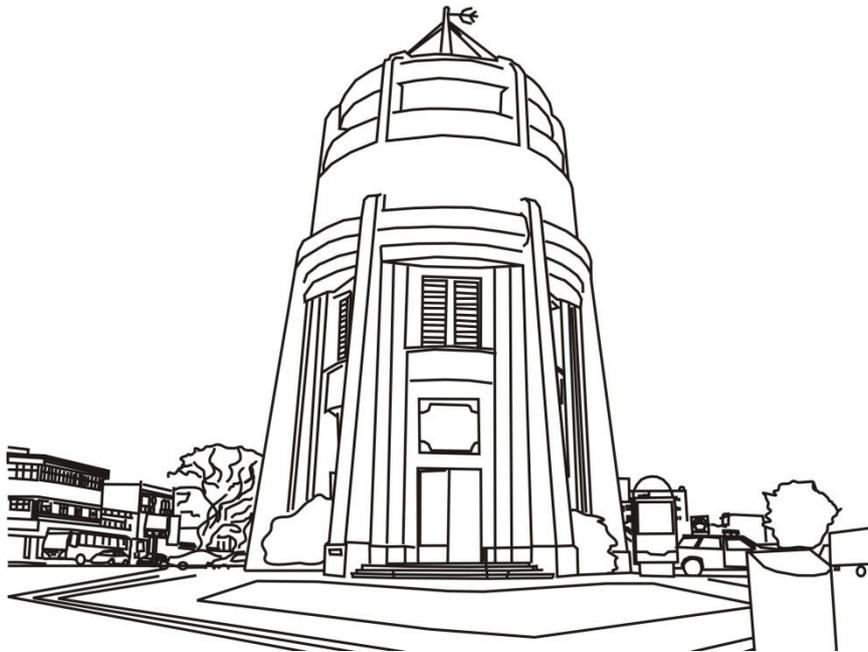


Figura 9: Desenho da Torre do Castelo
(Fonte: MARANDOLA JR. et al, 2012)

Os **pontos nodais** são lugares estratégicos na cidade, são núcleos onde o observador pode penetrar e nele tomar decisões quanto à direção a escolher. Basicamente, podem ser junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de ruas (LYNCH, 2003). Em Campinas, eles apareceram de duas formas: como praças e como junção de ruas, a exemplo do Viaduto Cury e da Praça Largo do Rosário (Figura 10).

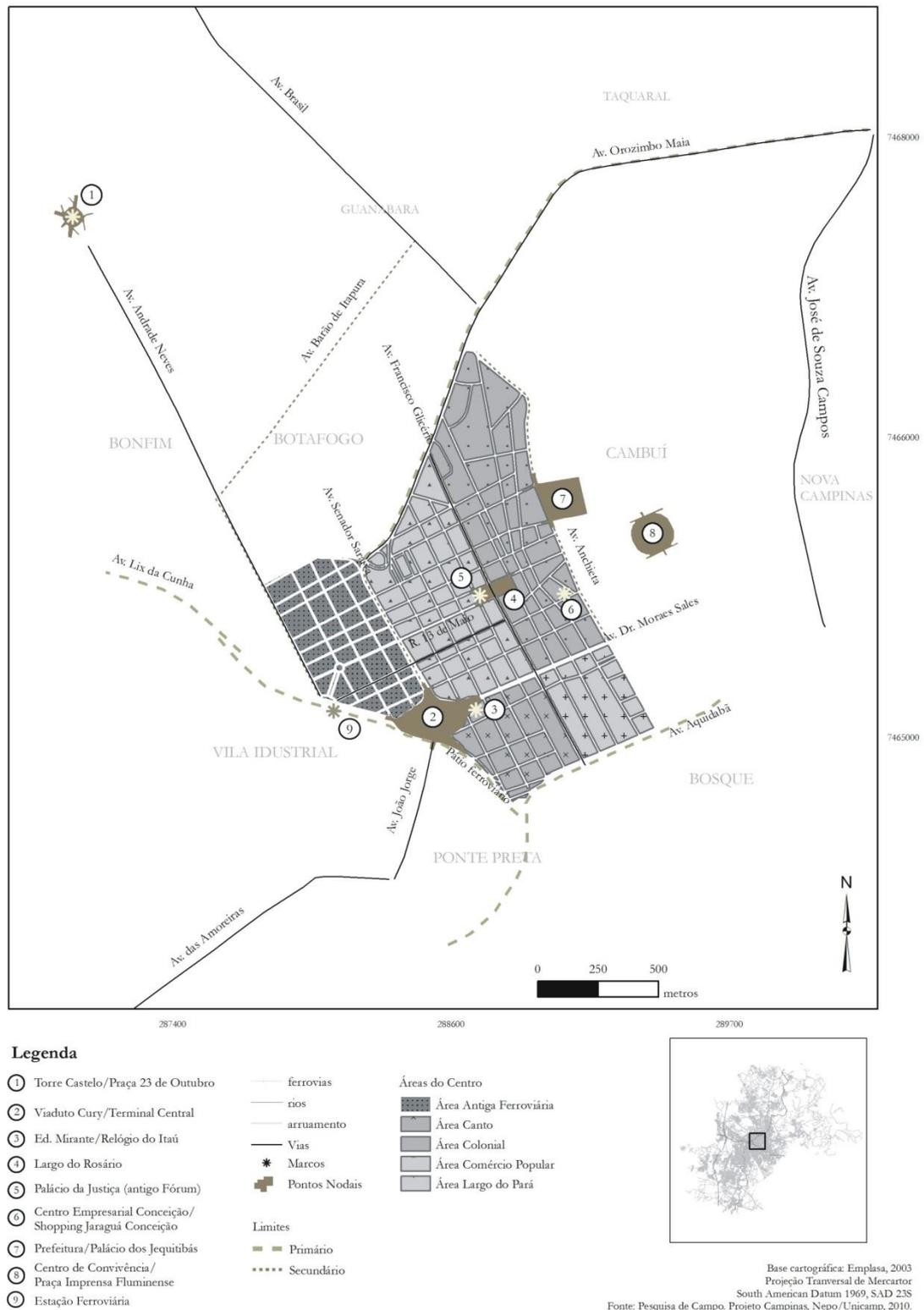


Figura 10: Mapa de elementos da forma do Centro de Campinas
 (Fonte: MARANDOLA JR., et al, 2012)

O Viaduto Cury é uma via que se eleva para superar o pátio ferroviário e o Terminal Central de Ônibus. Em formato circular, este ponto nodal liga o Centro à região sul e sudeste através da Avenida João Jorge, além de abrir opções de saída para

as regiões leste e noroeste, respectivamente, por meio das Avenidas Moraes Sales e Prefeito José Nicolau Ludgero Maselli. Estas três vias mais a Avenida Senador Saraiva inclinam-se até a elevação circular, de onde é possível ter uma visão panorâmica do Centro e de algumas partes da cidade. Há presença de baixas grades (com menos de um metro de altura) que margeiam duas passarelas do elevado. No entanto, a estrutura do viaduto privilegia o trânsito de automóveis, onde pedestres têm apenas duas opções de circular por ele, passarelas que terminam nos confins da área comercial do Terminal Central.

A Praça Largo do Rosário é vizinha à Praça Guilherme de Almeida (onde fica o antigo Fórum, Palácio da Justiça), contrastando com o excesso de prédios de seu entorno, este lugar se configura em um amplo espaço aberto no coração do Centro de Campinas. Dando fim à Avenida Campos Sales de forma perpendicular à Avenida Francisco Glicério, a Praça Largo do Rosário faz com que se forme um “T” entre essas duas vias. A métrica dessa configuração possibilita o trânsito de pedestres em diferentes direções, tornando o lugar físico e visivelmente permeável

Escolhemos alguns dos principais marcos, limites, vias e pontos nodais da paisagem de Campinas. Apesar de nos determos ao Centro da cidade e descrevê-los isoladamente com uma mesma base analítico-descritiva, vale citar que eles estão inseridos dentro de uma *estrutura* maior, onde a presença de um elemento deveria positivamente reforçar a existência do outro. Entretanto, a *estrutura* da imagem de Campinas, em seu sentido conjuntural, ainda não estabelece relações topológicas tão claras. Ou seja, as relações geográficas entre os elementos – aquelas que dizem respeito à disposição e características – não organizam formas sensíveis de uma visão contínua e seriada. São elementos que, para muitos, ainda se destacam em uma paisagem confusa e desarticulada.

O mapeamento dos principais elementos do Centro revelou que apesar de possuírem proximidade geográfica, eles não reforçam e nem dão coesão à estrutura geral do lugar. Construções singulares como os edifícios da Estação Ferroviária, da Igreja Catedral Metropolitana e da Torre do Castelo, quando não são acompanhados de espaços abertos como praças ou largos, estão cercados por prédios de diferentes períodos históricos, permanecendo imagneticamente descontextualizados da paisagem circundante. Isso faz com que eles não estabeleçam relações mútuas que garantam uma estrutura passível e tranquila de legibilidade.

Para maior compreensão desses fenômenos, é preciso com a mesma preocupação darmos atenção aos processos que animam e dão significados a essas formas urbanas e entender como a força da forma física é negociada diante da ação do imaginário e de tantos outros aspectos simbólicos envolvidos. Além disso, as cidades modernas atingem densidades e dimensões enormes e crescem sem muita preocupação com sua coerência estética. As maneiras de se viver a cidade também mudaram. Essas prerrogativas nos levam a outras abordagens para pensar a paisagem de Campinas.

O enfraquecimento da forma da paisagem e o papel do imaginário urbano

O surgimento de novas áreas urbanas desconexas e a intensificação de um modelo de vida cada vez mais baseado na mobilidade entre lugares geograficamente distantes são, talvez, os dois principais fatores de uma experiência fragmentada da paisagem da cidade. O acréscimo da velocidade possibilitado pelas mudanças técnicas – instalação de vias de acesso rápido para automóveis, sistemas de transporte público integrado, entre outros – faz com que a condição física do corpo reforce ainda mais a desconexão entre os lugares e suas paisagens.

Porém, não apenas pelo impedimento físico que a cidade torna-se difícil de ser mirada. A degradação dos espaços construídos de partes da cidade de Campinas é um fator fundamental que gera estorvos, produzindo invisibilidades seletivas da leitura da paisagem e, em última instância, repulsas e topofobias.

No caso do Centro de Campinas, em especial em suas áreas mais antigas, onde há fachadas e prédios pichados, sem manutenção, escuros e sujos, tais elementos causam confusão e tornam pouco atrativo e discernível as características próprias de suas arquiteturas. Mesmo que este cenário não represente a totalidade da paisagem do lugar, esses elementos negativos reforçam a repulsa e se associam, através do imaginário urbano, a toda região central da cidade. Imagens topofóbicas como essas influenciam gradualmente a preferência por outros lugares ou a passagem por eles cada vez mais rápida, desfocada e desatenta (MARANDOLA JR., 2011).

O processo de mudanças de papel do centro enquanto difusor simbólico e econômico da identidade da cidade tem ocorrido em cidades ao redor do mundo. A dispersão e fragmentação geram novas centralidades, como os *shoppings center*, o que aumenta o desinteresse do mercado imobiliário e de setores privilegiados da cidade pelas áreas centrais (REIS, 2006; VARGAS; CASTILHO, 2006; SIMÕES JR, 1984; BOTELHO, 2006). Em Campinas, este processo de mudanças de usos dos setores

privados e públicos no centro da cidade foi bem documentado, levando pertinentes questões sobre seus usos e funções, inclusive no campo do patrimônio arquitetônico cultural (PAES-LUCHIARI, 2006).

Se o Centro de Campinas, muitas vezes, agrega imagens topofóbicas e não chama atenção pela sua beleza, mas pelas suas ausências, degradação física de seus espaços que se estende até a estigmatização de seus habitantes, a imagem da cidade que historicamente esteve associada ao centro (MUMFORD, 1998) vai se esmaecendo. A imagem da cidade é afetada, tornando-se menos nítida, perdendo sua capacidade simbólica e agregadora. Esse processo é intensificado, uma vez que as metrópoles são cada vez mais marcadas pela presença de migrantes, os quais trazem memórias de outros lugares e ao estar em sua nova cidade, como Campinas, tornam ainda mais difícil construir uma boa imagem dela.

Para que imagem vai Campinas?

Todas as cidades têm imagens que são impregnadas por memórias e significações. Ao estabelecer um rol de lugares de trabalho, lazer e estudo, cada cidadão constrói sua própria imagem da cidade. Todavia, o intenso caráter mutante das paisagens de centros urbanos contemporâneos tem criado descompassos quanto à autenticidade de paisagens que tem surgido e aquelas que repousam na memória coletiva de seus cidadãos (JUEDY, 2005). Esse fenômeno descaracteriza a imaginabilidade da cidade, ou simplesmente a capacidade de a imaginarmos.

Campinas, durante décadas, ansiosa por instituir seu caráter metropolitano, referenciado a partir dos padrões urbanísticos da capital paulista (LANDIM, 2004), se esforçou por ser uma cidade industrial, tecnológica e moderna e se esqueceu de seus traços essenciais e de suas marcas mais singulares. Essa é uma das causas de ser tão difícil, no cotidiano de seus habitantes, apontar elementos da forma da antiga Campinas.

O desenho das vias, as relações entre os bairros e a organização do tecido urbano não são independentes dos grupos sociais que os produzem, que nele vivem e que os transformam (PANERAI, 2006). Na cidade contemporânea, identificar como se estabelece essas relações de *feed-back* entre a forma física e os comportamentos, condutas, escolhas e sentimentos se revela necessário, uma vez em que, como observamos em Campinas, a fragmentação do espaço físico da cidade tem produzido experiências frágeis e rasas de sua imagem.

Quando pensamos em imagens de cidades, na maior parte dos casos nos vem algumas cenas de espaços públicos. O cuidado com os espaços públicos é um tema que Campinas, assim como várias cidades brasileiras, terá que enfrentar: tanto os órgãos institucionais e governos locais quanto sua população devem fazer parte deste processo. É através da manutenção dos espaços públicos que uma cidade organiza a vida coletiva e constrói sentimentos de pertencimento e empoderamento (BERDOULAY; GOMES, 2010; GOHEEN, 1998).

A cidade vivida pelos habitantes e a cidade mapeada e planejada pelos especialistas devem ser coesas. Um caminho possível é criar posturas políticas claras e abertas para dar voz aos seus cidadãos para que estes expressem o que pensam e esperam de sua cidade. Campinas sofre por tantas transformações que tem dificuldades de se olhar e de fazer uma leitura sobre si mesma. Investir em alternativas que criem possibilidades de criação de canais de comunicação e envolvimento entre as diversas esferas de sua comunidade permite não apenas um resgate de sua imagem, mas chances de reinventá-la e resignificá-la, o que consideramos, talvez, o mais importante.

Referências

- BANERJEE, T.; SOUTHWORTH, M. (eds.). 1991. *City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- BERDOULAY, V.; GOMES, P.C. 2010. Image et espace public. *Revue Géographie et Cultures*, Paris, n.73.
- BOTELHO, A. A. 2006. *Revitalização Urbana em Niterói: uma visão antropológica*. Dissertação [Mestrado em Antropologia]. Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- CORRÊA, R.L. 2011. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A.F.A.; SOUZA, M.L.; SPOSITO, M.E.B. (Orgs.) *A produção do espaço urbano*. São Paulo: Contexto.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). 1996. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel.
- DE PAULA, L. T. 2012. Cartografias pessoais e experiência urbana: um estudo sobre a imagem da cidade de Campinas. *Geograficidade*, v. 2, p. 23-39.
- DE PAULA, L. T. 2011. Cartografia da experiência urbana: as imagens e formas de Campinas. 123 p. *Monografia* (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOHEEN, P. 1998. Public space and geography of the modern city. *Progress in Human Geography*, v.22, n.4, p. 479-496.

- JEUDY, H.P. 2005. *Espelho das cidades*. (trad. Rejane Janowitz) Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- LANDIM, P. C. 2004. *Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista*. São Paulo: Ed. UNESP.
- LYNCH, K. 2007. *A boa forma da cidade*. (trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinto) Lisboa: Edições 70.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. 2003. (trad. Jefferson Luiz Camargo) São Paulo: Martins Fontes.
- MALARD, M. L. 2006. *As aparências em arquitetura*. Belo Horizonte: UFMG.
- MARANDOLA JR., E.; DE PAULA, F.C.; DE PAULA, L.T.; PIRES, M.C.S. 2012. *Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência urbana de Campinas*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/ Unicamp.
- MARANDOLA JR., E. 2011a. Paisagem e imagem da cidade: a forma urbana de Campinas. *Geografia*, Rio Claro, v.36, n.3, p. 655-664.
- MARANDOLA JR., E. 2011b. Campinas, no plural ou no singular? Imaginário e experiência urbana. In: *IX REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL (RAM)*, Curitiba. Anais. Curitiba: RAM.
- MUMFORD, L. 1998. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4ed. (trad. Neil R. da Silva) São Paulo: Martins Fontes.
- PAES-LUCHIARI, M. T.D. 2006. Patrimônio cultural: uso público e privatização do espaço urbano. *Geografia*, v.31, n.1, p.47-60.
- PANERAI, P. 2006. *Análise urbana*. (trad. Francisco Leitão) Brasília: Universidade de Brasília.
- REIS, N. G. 2006. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes.
- RELPH, E. 1986. *A paisagem urbana moderna*. Lisboa: Edições 70.
- SILVA, A. 2001. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andres Bello.
- SIMÕES JR., J. G. 1994. *Revitalização de centros Urbanos*. São Paulo: Pólis, n. 19.
- SOUZA, C. L. 1996. De Kevin Lynch aos mapas cognitivos: a percepção ambiental no desenho urbano. *Sinopses*. São Paulo, n. 26, p.5-15.
- VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. 2006. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. In: _____ (orgs.). *Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. Barueri (SP): Manole, p. 1-51.

Data de Recebimento: 31/08/2013

Data de Aprovação: 14/04/2014

Para citar essa obra:

PAULA, L T.; MARANDOLA JR., E. Imagem e ilegibilidade da forma urbana de Campinas. In: *RUA* [online]. 2014, nº. 20. Volume 1 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade www.labeurb.unicamp.br/rua/

Capa: MARANDOLA JR. et al, 2012. Foto tirada a partir do mirante da Torre do Castelo

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COGEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>